OIR
ALE

MĀO
MĀO

COMPANHIA DAS LETRAS

O IRMÃO ALEMÃO
CHICO BUARQUE

Para Sergios

1

Asa de inseto, nota de dez mil-réis, cartão de visita, recorte de jornal, papelzinho com garranchos, recibo da farmácia, bula de sonífero, de sedativo, de analgésico, de antigripal, de composto de alcachofra, há de tudo ali dentro. E cinzas, sacudir um livro do meu pai é como soprar um cinzeiro. Desta vez eu vinha lendo O Ramo de Ouro, numa edição inglesa de 1922, e ao virar a página 35 dei com uma carta endereçada a Sergio de Hollander, rua Maria Angélica, 39, Rio de Janeiro, Südamerika, tendo como remetente Anne Ernst, Fasanenstrasse 22, Berlin. Dentro do envelope, um bilhete batido à máquina em papel almaço amarelado e puído:

Berlin, den 21. Dezember 1931

Lieber Sergio

Durch Dein Schweigen errate ich.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....

.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....

Freundlich,
Anne

Escrito em alemão, cheio de maiúsculas, dele só posso entender o cabeçalho e a assinatura Anne com caligrafia inclinada para a direita. Sei que meu pai ainda solteiro morou em Berlim entre 1929 e 1930, e não custa imaginar um caso dele com alguma Fräulein por lá. Na verdade, acho que já ouvi falar de algo mais sério, acho até que há tempos ouvi em casa mencionarem um filho seu na Alemanha. Não foi discussão de pai e mãe, que uma criança não esquece, foi como um sussurro atrás da parede, uma rápida troca de palavras que eu mal poderia ter escutado, ou posso ter escutado mal. E esqueci, como hei de esquecer esta carta dentro do livro, que preciso guardar na fileira do fundo da estante dupla do corredor. Preciso guardá-lo exatamente em seu lugar, pois se meu pai não admite que eu mexa nos seus livros, que dirá neste. Mas ao pé da estante vejo a minha mãe de cócoras, buscando algum título a mando do meu pai. Não há de demorar, pois é ela mesma quem organiza a biblioteca conforme um sistema indecifrável, sabedora de que se ela morrer ele estará perdido. E nem bem ela entra no escritório com seus passinhos ligeiros, carregando quatro volumes grossos aparados no queixo, me apresso a guardar o meu. Sei

que ele estava naquela prateleira acima da linha dos meus olhos, atrás dos poetas portugueses, um palmo à direita da Comédia Humana, porém não será assim tão fácil reencontrar sua vaga. A esta altura os livros já se acomodaram no fundo da estante, já se empurraram uns contra os outros, parece que engordam quando confinados. Na ponta dos pés desloco um Bocage da fileira da frente, depois tateio as lombadas dos dois ingleses que ladeavam o meu. Há algo de erótico em separar dois livros apertados, com o anular e o indicador, para forçar a entrada de O Ramo de Ouro na fresta que lhe cabe.

Quando chego à casa do Thelonious ele já me espera no portão com uma lanterna e um arame de ponta retorcida. Vagamos pelas ruas arborizadas do bairro, até que ao cair da tarde topamos com um Skoda estacionado bem a jeito, numa esquina em declive sem muita iluminação. Colo as palmas das mãos feito um par de ventosas na janela, faço pressão para baixo e o vidro cede uns dez centímetros. O suficiente para o Thelonious enfiar o arame ali dentro, enganchar e puxar o pino da porta, no que ele é craque. Peço para tomar o volante, destravo o freio de mão, deixo o Skoda rolar a ladeira e antes mesmo que eu encoste no meio-fio, o Thelonious já está quase deitado aos meus pés com a lanterna acesa entre os dentes e a cabeça metida atrás do painel. Remove umas peças que não vejo direito, junta uns fios, e depois de uns estalos e umas faíscas o motor pega. Arranco, engato a segunda, estico a marcha, faço uma curva fechada, costeio o cemitério cantando pneus, e na descida para o centro o Thelonious elogia minhas manobras com um grunhido e um sinal de polegar, mais ocupado em fuçar o porta-luvas com a lanterna abocanhada. Penso que entrar num carro desconhecido, cheirar seu ambiente, pegar pouco a pouco as suas manhas, ajeitar a bunda no assento, alisar o volante, experimentar o jogo da direção, fora isso tudo a melhor parte é mexer no porta-luvas, encontrar entre outras coisas um documento com o nome, a data de nascimento e a foto do proprietário, ou da proprietária. Prefiro que seja homem, me dá mais prazer usar o carro

de outro homem, gosto de fitar aquela cara lesada que em geral eles têm no documento. E pagaria para ver a cara deles no instante em que dão por falta do carro, suas caretas ao examinar caretas de ladrões no fichário da polícia. Já de mulher tenho um pouco de dó, talvez porque as imagine a zanzar pela cidade sem saber onde deixaram o carro, como doidas atrás de um filho que dorme na rua. E na rua Aurora o Thelonious me faz parar ao lado de duas putas velhas, pergunta se elas não querem entrar sem compromisso, só para andar de carro. Desiste das quengas, salta do carro, me faz mudar de banco e assume o comando. Ziguezagueia por umas ruas de paralelepípedo a fim de despistar uma radiopatrulha que ele garante ter visto no nosso encalço. Já numa avenida da Zona Leste que não conheço, me ensina a atentar no motor do carro, perceber o torque, captar aquele lapso em que é possível trocar a marcha sem necessidade de pisar na embreagem. É uma questão de tempo e contratempo, diz, é que nem jazz. Ensaia essa mudança algumas vezes, mas o que ouço quase sempre é um guincho irritado de metais se friccionando. Atravessamos uma linha de trem, e depois de um solavanco o Thelonious descobre que o carro ficou engatado para sempre na terceira. Segue a furar sinais, a ultrapassar os trouxas, procura manter a velocidade até ser obrigado a brecar atrás de um bonde, com o que o motor engasga e morre. Ali mesmo sobre os trilhos abandonamos o Skoda, o que para Thelonious não faz diferença, o tanque já estava mesmo na reserva. Não temos dinheiro para a condução e levamos umas boas horas na volta a pé, porque no caminho não havia nem um carro decente dando sopa. Cruzamos bairros sombrios com fábricas, galpões, cortiços, oficinas e casas de comércio fechadas. Percorremos ruas tortas que dão num viaduto que desemboca no centro com suas ruas vazias, os arranha-céus às escuras. Depois chegamos a um bairro nobre, de famílias tradicionais, com carros ingleses na garagem das casas que sempre me pareceram grandes demais para seus terrenos. E que por dentro devem parecer ainda maiores que por fora. E que por terem

fachadas tão austeras, devem ser mais vistosas pelo avesso, mais vibrantes no avesso onde as pessoas moram. Entrar pela janela de uma casa dessas deve ser como meu pai abrir pela primeira vez um livro antigo.

Passa da meia-noite quando o Thelonious e eu nos separamos na esquina entre as nossas casas, e da rua vejo a luz do escritório do meu pai. Subo a escada com os sapatos na mão para não ter de dar explicações à minha mãe, ou não despertá-la se estiver dormindo. No corredor espio a estante com o rabo do olho e a caminho do quarto passo pela porta sempre aberta do escritório fumacento, onde julgo ver meu irmão e meu pai sentados lado a lado. Vou para a cama com a roupa do corpo, depois me dou conta de que não apaguei a luz. Mas acho que não precisa, posso cobrir a cara com a manta, e debaixo dela não está quente nem frio. Está bom para ficar pensando na minha amizade com o Thelonious, o que me leva a pensar no meu pai com meu irmão, que entra à vontade no escritório mas só lê gibi, o que me leva a pensar em algum dia revelar a meu pai que, bem ou mal, li em francês o Guerra e Paz até a metade, e agora com a ajuda do dicionário inglês penava para compreender O Ramo de Ouro até achar o bilhete alemão, bilhete que aliás me leva a lembrar que o Thelonious, no tempo em que ainda se chamava Montgomery, andou por aí com outro amigo, um suíço, ou austríaco, um que os pais mandaram para o colégio interno, e de repente sem mais nem menos estou num Oldsmobile com o Thelonious, que me conduz a um internato chamado Instituto Benjamenta, onde o austríaco, ou suíço, um ruivo de cara vermelha e inchada de tanta espinha, esse tedesco lê a carta e dá risadas malignas com a monstruosa boca, com espinhas que lhe invadem os lábios, com espinhas até na língua e nas gengivas, e é realmente um rapaz solícito e de grande delicadeza, que me traduz a carta de Anne bem devagar, me explicando o significado de cada palavra, sua origem, sua etimologia, com uma voz tão suave que nada escuto, o que me leva a cair no sono.

2

Não sei que casa era aquela, se algum hospital, só me lembro de um vazio incompreensível. E me vejo, ainda mal me equilibrando em pé, paralisado no centro de uma sala de paredes brancas. Eu nunca tinha visto coisa parecida, e soltei um grito ao ver minha mãe se aproximar da parede, achei que ela ia cair num outro vazio ainda mais vazio. Depois não vi mais nada, afundei a cara no seu colo assim que ela me levantou e só voltei a abrir os olhos em casa. Até então, para mim, paredes eram feitas de livros, sem o seu suporte desabariam casas como a minha, que até no banheiro e na cozinha tinha estantes do teto ao chão. E era nos livros que eu me escorava, desde muito pequeno, nos momentos de perigo real ou imaginário, como ainda hoje nas alturas grudo as costas na parede ao sentir vertigem. E quando não havia ninguém por perto, eu passava horas a andar de lado rente às estantes, sentia certo prazer em roçar a espinha de livro em livro. Também gostava de esfregar as bochechas nas lombadas de couro de uma coleção que, mais tarde, quando já me batiam no peito, identifiquei como os Sermões do Padre Antônio Vieira. E, numa prateleira acima dos Sermões, li aos quatro anos de idade minha primeira palavra: GOGOL. Até os nove, dez, onze anos, até o nível da quarta ou quinta prateleira, durante toda a minha infância mantive essa ligação sensual com os livros. Mesmo dos livros escolares eu tinha ciúme, era uma lástima que me chegassem engordurados e rabiscados pelo meu irmão. Eu voltava do

colégio direto para casa com meus manuais e compêndios, só parando esporadicamente para visitar o Capitão Marvel, que além de vizinho era meu melhor amigo. Eu não estranhava tanto a sua casa, cujas paredes eram cobertas de quadros, e que tinha uma varanda onde a gente jogava gol a gol. Mas chegava uma hora em que eu ficava impaciente para rever a minha biblioteca, até nas baratas pensava com nostalgia. Elas surgiam de trás dos livros, percorriam as lombadas de um lado ao outro das prateleiras, e vai saber se não sentiam na barriga aquele meu prazer na espinha. Eu me admirava de ver as maiores baratas, cascudas, envernizadas, que num átimo se introduziam entre dois livros onde não havia vão, nem uma unha caberia. Quando conseguia capturar uma delas pela antena, ia mostrá-la à minha mãe, que só me recomendava que não pusesse o bicho na boca. Mamãe também estava familiarizada com as baratas, quando casou sabia bem o que a esperava. Não fosse uma mulher valente, teria dado meia-volta ao entrar pela primeira vez na casa do meu pai. Calculo que então, aos trinta e tantos anos, meu pai já tivesse quase a metade dos livros que juntou na vida. E, antes da minha mãe, imagino que essa livralhada, além de empilhada no escritório, atulhasse os dois quartos vagos dos futuros filhos, em forma de escombros de pirâmides astecas. Mamãe tratou logo de erguer estantes pelas paredes do sobrado, e ao engravidar decorou o quarto do bebê com livros de linguística e arqueologia, além da mapoteca, dos espanhóis e dos chineses. Para o meu quarto, dois anos mais tarde, reservou os escandinavos, a Bíblia, a Torá, o Corão e metros e metros de dicionários e enciclopédias. Depois de grande, ainda assisti ao advento de outras três estantes duplas para livros avulsos, ou inclassificáveis, que mamãe fez instalar nas paredes da garagem, pois nunca tivemos carro, nunca tivemos luxo. Mamãe cuidava do serviço doméstico, e eram livros o luxo que meu pai se dava. Só em livros raros gastou metade da herança, ao vender a tipografia que meu avô Arnau de Hollander possuía no Rio de Janeiro. O suprassumo da biblioteca eram onze volumes hospedados num nicho da sala de visitas, como que um altar

cavado no centro da estante com espessas molduras de jacarandá que os segregavam dos livros por assim dizer plebeus. Essas raridades já foram doze, mas uma primeira edição de Hans Staden do século XVI fiz o favor de inutilizar. Foi num dia em que meu irmão me disse que, quando nasci, meu pai me tomou por um mongoloide. Eu nem sabia o que era mongoloide, foi a gargalhada do meu irmão que me acertou. Arrastei uma cadeira, alcancei o nicho e catei o livro que me pareceu mais sagrado, por causa das letras de ouro na capa dura. Espicacei página por página, depois ainda mijei em cima. A capa não consegui rasgar, e já tocava fogo nela quando mamãe chegou e me deu um tapa na cara que nem doeu. Mas quando meu pai desceu as escadas com o chinelo na mão, me caguei todo e mijei o que não tinha para mijar.

Calma, Ciccio, disse minha mãe, quando já crescido lhe perguntei por que meu pai não escrevia um livro, uma vez que gostava tanto deles. Ele vai escrever o melhor libro del mondo, disse arregalando os olhos, ma prima tem que ler todos os outros. A biblioteca do meu pai contava então uns quinze mil livros. No fim superou os vinte mil, era a maior biblioteca particular de São Paulo, depois da de um bibliófilo rival que, dizia meu pai, não havia lido nem um terço do seu depósito. Calculando que ele tenha acumulado livros a partir dos dezoito anos, posso tirar que meu pai não leu menos que um por dia. Isso sem contar os jornais, as revistas e a farta correspondência habitual, com os últimos lançamentos que por cortesia as editoras lhe enviavam. A grande maioria destes ele descartava já ao olhar a capa, ou após uma rápida folheada. Livros que jogava no chão e mamãe recolhia de manhã para juntar no caixote de doações à igreja. E quando porventura ele se interessava por alguma novidade, sempre encontrava algum pormenor que o remetia a antigas leituras. Então chamava com seu vozeirão: Assunta! Assunta!, e lá ia minha mãe atrás de um Homero, um Virgílio, um Dante, que lhe trazia correndo antes que ele perdesse a pista. E a novidade ficava de lado, enquanto ele não relesse o livro antigo de cabo a rabo. Por isso não estranha que tantas vezes meu pai deixasse

cair no peito um livro aberto e adormecesse com um cigarro entre os dedos ali mesmo na espreguiçadeira, onde sonharia com papiros, com os manuscritos iluminados, com a Biblioteca de Alexandria, para acordar angustiado com a quantidade de livros que jamais leria porque queimados, ou extraviados, ou escritos em línguas fora do seu alcance. Era tanta leitura para pôr em dia, que me parecia improvável ele vir a escrever o melhor libro del mondo. Por via das dúvidas, quando ao sair do quarto eu ouvia o toque-toque da máquina de escrever, tirava os sapatos e prendia a respiração para passar ao largo do seu escritório. E me encolhia todo se por azar naquele instante ele arrancasse num ímpeto o papel do rolo, achava que em parte era de mim a raiva com que ele esmagava, embolava a folha e a arremessava longe. Outras vezes a máquina cessava para meu pai pedir socorro: Assunta! Assunta!, era alguma citação que ele precisava transcrever urgentemente de um determinado livro. Com isso levava meses para redigir, rever, rasurar, arremessar bolotas, recomeçar, corrigir, passar a limpo e certamente contrafeito entregar para publicação o que seriam rascunhos do esqueleto do grande livro da sua vida. Eram artigos sobre estética, literatura, filosofia, história da civilização, que ocupariam uma coluna ou um rodapé de jornal. Quando papai morreu, apareceu um editor disposto a publicar uma coletânea dos artigos assinados por ele ao longo da vida. Fui contra, cheguei a mostrar à minha mãe a profusão de correções e emendas ilegíveis que meu pai sobrepusera ao texto ou anotara à margem dos próprios artigos, recortados dos jornais. Mas mamãe estava convencida de que o livro seria aclamado no meio acadêmico, quiçá editado até na Alemanha, graças aos escritos de juventude concebidos naquele país. E ainda insinuou que desde a infância eu procurava sabotar meu pai, haja vista aquele ensaio que por minha culpa desfalcaria suas obras completas. Meia verdade, porque era ao meu irmão que de tempos em tempos meu pai confiava um envelope a ser entregue na redação de A Gazeta, do outro lado da cidade. Para isso, além do dinheiro do bonde, ele o remunerava com uma quantia suficiente para

uma semana de milk-shakes. Mas volta e meia meu irmão me repassava o dinheiro do bonde e o envelope, que eu levava a pé à redação. Não me movia o dinheiro poupado, que mal pagava duas mariolas, eu ficava era todo prosa com tamanha responsabilidade. Ainda ganhei a simpatia dos funcionários do jornal, e não me importava de passar por um suado estafeta do meu pai, em cujas mãos despejavam mais umas moedas. Mas certa vez, a caminho da redação, parei para jogar um futebol de rua, era comum naquele tempo. Carros circulavam só de quando em quando, e ao avistá-los ao longe os meninos gritavam: olha a morte! Logo recolhíamos as lancheiras, as pastas, os agasalhos que representavam as balizas e aguardávamos na calçada a passagem do carro para recomeçar a partida. Mas nesse dia não foi o trânsito, foi uma chuva súbita que nos obrigou a apanhar depressa nossas coisas e buscar abrigo sob a marquise de um empório. Chegou a cair granizo, que catávamos do chão, chupávamos, atirávamos uns nos outros, uma festa. Mas de repente calhou de eu me lembrar do envelope do meu pai, que eu deixara debaixo de um pulôver e agora estava ali no meio do aguaceiro. Corri para salvá-lo e por pouco não fui atropelado, pois naquele segundo passou um Chevrolet que agarrou o envelope com o pneu e só o soltou duas quadras adiante. Fui colher seus restos, e não havia remédio, o artigo do meu pai era uma estranha massa cinzenta, uma maçaroca de papel molhado. Mortificado, perdi a vontade de voltar para casa. Assobiei no portão do Bill Haley, que desceu para me receber na varanda com um maço de cigarros mentolados da mãe. E fez questão de me mostrar pela primeira vez sua coleção de emblemas que arrancava do capô dos carros, inclusive uma estrela da Mercedes-Benz e o jaguar de um Jaguar. Fazia frio na varanda, eu estava com a roupa ensopada, e esperei que ele me convidasse para tomar um café com leite ou coisa assim. Eu seria capaz de passar a noite naquela casa cheia de quadros, mas ele não gostava muito que eu entrasse. Acho que tinha vergonha da mãe, uma pintora desquitada com fama de maluca. Cantava árias noite adentro em alto e bom som, e diziam os vizinhos que pintava nua.